

Resultado: Características basais: predomínio do sexo masculino (65%); mediana de idade: 53 anos; distribuição genotípica: G1A = 48%, G1B = 28%, G2 = 2%, G3 = 20%, G4 = 2%; distribuição do grau de fibrose por elastografia (Metavir): F0 = 2%; F1 = 15%, F2 = 6%, F3 = 31%, F4 = 46%; classificação de Child-Pugh nos pacientes cirróticos: Child A (< 7) = 100%; coinfeção HIV = 17%; coinfeção hepatite B = 6%; tratamento prévio: virgens = 55%; Interferon-Peguilado (PEG-IFN) + Ribavirina (RBV): 34%; Peg-IFN + RBV + Boceprevir ou Telaprevir: 11%. Esquemas de DAAs usados: Sofosbuvir (SOF) + Daclatasvir (DCV) +/- RBV (12 ou 24 sem): 57%, SOF + Simeprevir +/- RBV (12 sem) = 37%, SOF + Velpatasvir: 4%, SOF + RBV (12 sem): 2%. Efetividade do tratamento com DAAs: RVS por protocolo completo (PP) = 97% (57/59), RVS por intenção de tratamento (ITT) = 89% (57/65). Recidiva virológica pós-tratamento completo (falha terapêutica): 3% (2/59). Eventos adversos: leves = 15% (10/65); graves (que levaram à interrupção do tratamento) = 2% (1/65). Abandono de tratamento ou perda de seguimento pós-tratamento: 8% (5/65).

Discussão/conclusão: A altíssima taxa de RVS de 97% encontrada nessa casuística de vida real (mesmo com 77% de pacientes em F3-F4) revela a excelente efetividade dos DAAs usados no Brasil. Possíveis fatores associados: alta adesão pela grande motivação causada pela recém-disponibilização dos DAAs pelo SUS no período estudado e o acolhimento multiprofissional e interdisciplinar da unidade de assistência. Esforços no sentido de evitar esquemas subótimos e melhorar a retenção em tratamento e seguimento podem colaborar para incrementar a taxa de sucesso.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.114>

EP-053

SEGURANÇA E EFETIVIDADE DE TERAPIAS COM DROGAS ANTIVIRAIS DE AÇÃO DIRETA (DAAS) EM PACIENTES INFECTADOS PELO HCV INSTITUÍDAS ENTRE 2016 E 2017 NO AMBULATÓRIO DE MOLÉSTIAS INFECCIOSAS DE JUNDIAÍ, SP



Ana Claudia M. Barbosa Diaz, Flávia M. Gennari Pinheiro, Rafaella S. Gomes Mattosinho, Silas Rocha Neves, Edilson Madureira Reis, Maria do Carmo Costa Brum, Letícia Pisoni Zanaga

Ambulatório de Moléstias Infecciosas de Jundiaí, Jundiaí, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 2 - Horário: 14:05-14:10 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: DAAs estão mundialmente consolidadas no tratamento da hepatite C, dadas as substanciais evidências de segurança, tolerabilidade e efetividade dessas medicações. No Brasil, a introdução relativamente recente, aliada a políticas de saúde ainda restritivas, tem limitado a experiência nacional com tais drogas, contudo resultados preliminares dessa implantação são bastante promissores.

Objetivo: Descrever o perfil de pacientes submetidos à terapia com DAAs e a segurança e efetividade dessas drogas.

Metodologia: Estudo transversal que incluiu pacientes submetidos à terapia com DAAs de janeiro de 2016 a dezembro de 2017.

Resultado: De 251 pacientes tratados, aproximadamente 70% eram homens, com média de 53 anos; 115 eram experimentados, 113 em terapia dupla e 14 em terapia tripla. Aproximadamente 34% eram coinfectados HIV com CD4 médio de 676 céls/ml, 87,2% exibiam carga viral indetectável e 58,1% usavam ITRN+IP. Predominantemente, apresentavam genótipo 1 (70,5%) e 3 (26,7%) e carga viral > 500.000 UI/ml (60,6%); 106 pacientes eram cirróticos, majoritariamente Child-Pugh A (85) e com Meld < 15 (96), 49 apresentavam evidências endoscópicas de hipertensão portal e 14 descompensação hepática prévia. Aproximadamente 90% dos pacientes receberam terapia composta por Sofosbuvir + Daclatasvir + Ribavirina por 12 semanas. Ocorreram apenas 12 suspensões precoces de tratamento, quatro por uso inadequado das medicações. Aproximadamente 80% dos pacientes cursaram com eventos adversos considerados graves em 21 situações, 11 episódios foram de descompensação hepática. Anemia foi deflagrada em 44,6% dos pacientes, todos em uso de ribavirina, com nadir médio de hemoglobina de 10,9 mg/dl para mulheres e 11,8 mg/dl para homens. Redução da dose de ribavirina e hemotransfusão foram necessárias em 73 e quatro casos, respectivamente. Oito pacientes demandaram hospitalização e três evoluíram a óbito (um em semana 6 de DAAs por EPS). Até a presente análise, 230 pacientes apresentaram RVS, 12 não concluíram avaliação de resposta virológica (inclusive três óbitos e duas respostas de fim de tratamento) e nove evoluíram em falha terapêutica. A taxa efetiva de RVS (excluídas as perdas) foi de 96%.

Discussão/conclusão: DAAs se mostraram seguras e efetivas na população avaliada, a despeito da elevada prevalência de fatores anteriormente considerados maus preditores de resposta virológica, reproduziram achados de estudos análogos de vida real nacionais e internacionais.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.115>

EP-054

RESPOSTA AO TRATAMENTO DA HEPATITE C EM PORTADORES DE COINFEÇÃO COM HIV NA REGIÃO DE CATANDUVA, SP



Ricardo Santaella Rosa, Laura Matheus Montouro, Sara Ramiro Tencarte, João Carlos Riccardi, Henrique Maitto Benini

Curso de Medicina, Centro Universitário Padre Albino (Unifipa), Catanduva, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 2 - Horário: 14:12-14:17 - Forma de Apresentação: E-Pôster (pôster eletrônico)

Introdução: A hepatite C e a Aids são tidas como doenças de grande relevância no cenário mundial por causa da alta prevalência e morbidade.

Objetivo: Avaliar a resposta ao tratamento de hepatite C em coinfectados com HIV de acordo com os diferentes protocolos do Ministério da Saúde.

Metodologia: Estudo descritivo de olhar retrospectivo, foram analisados 37 casos de pacientes com coinfeção

HIV-HCV, que completaram tratamento até 2017 no município de Catanduva, SP, por meio de prontuários e fichas de notificação, respeitaram-se os critérios de inclusão (idade superior a 18 anos, presença da coinfeção estudada e atendimento no município), exclusão (coinfectados com HBV, monoinfectado por HCV, hepatite C aguda e menores de 18 anos) e variáveis da amostra. A análise estatística não foi feita em virtude da pequena amostragem e resposta total ao tratamento nos pacientes que fizeram uso dos antivirais de ação direta.

Resultado: Como resultados, 75,6% são do sexo masculino, a mediana foi de 46 anos, com maioria de cor branca. A aquisição do vírus, em 75,6% dos casos, foi pelo compartilhamento de seringas e agulhas não descartáveis. Houve predomínio do genótipo 3 (56,6%) e grau moderado de fibrose (69,6%). Todos os pacientes tinham carga viral para o HIV indetectável no início do tratamento. Dentre eles, 81,1% foram tratados por esquema antigo (interferon penguilado + ribavirina por período mínimo de 48 semanas), com sucesso de 66,6%. Dos 17 doentes que fizeram uso do esquema novo (sofosbuvir + daclatasvir, ou sofosbuvir + daclatasvir + ribavirina), 10 tiveram falha prévia do tratamento antigo e sete iniciaram tratamento com o protocolo novo, a porcentagem de sucesso foi de 100%.

Discussão/conclusão: Embora existam limitações no estudo, os resultados do perfil demográfico são representativos da população de infectados e não diferem significativamente da literatura nacional. A resposta ao tratamento antiviral com interferon e ribavirina no grupo foi melhor do que a obtida em bibliografia, em razão de controle satisfatório da infecção por HIV e presença de fatores preditivos de resposta ao HCV. Com relação ao tratamento com drogas de ação direta, os dados obtidos podem ser comparados com os da literatura internacional.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.116>

Área: IMUNODEPRIMIDOS NÃO HIV/IMUNIZAÇÕES/MEDICINA DOS VIAJANTES

Sessão: IMUNODEPRIMIDOS

EP-055

ADENOVIRUS EM RECEPTORES DE TRANSPLANTE RENAL: SÉRIE DE CASOS



Alejandro Tulio Zapata, Daniel Wagner Castro Lima Santos, Laila Almeida Viana, Marina Pontello Cristelli, Helio Tedesco Silva-Junior, Jose Osmar Medina-Pestana

Hospital do Rim, São Paulo, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 3 - Horário: 13:30-13:35 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: A infecção por adenovírus é uma importante causa de complicações em pacientes transplantados renais que apresentam riscos potenciais de perda da função do enxerto e morte. Representa uma das principais causas infecciosas de cistite hemorrágica associada ou não a nefrite viral.

Objetivo: Descrever as características clínicas e laboratoriais dos receptores de transplante renal no Hospital do Rim

(Unifesp) que desenvolveram infecção por adenovírus em 2016 e 2017.

Metodologia: Os pacientes foram selecionados a partir dos registros de laboratório que mostravam exame positivo para adenovírus através da reação em cadeia da polimerase (PCR quantitativo ou qualitativo) em amostras de sangue e/ou urina. Os dados foram coletados em ficha-padrão e incluíam os principais sintomas no início da doença, duração dos sintomas, órgãos acometidos, tempo do transplante até a doença, modalidade terapêutica, disfunção do enxerto e manejo da imunossupressão.

Resultado: Foram encontrados seis pacientes transplantados renais com exame positivo para adenovírus. Todos os pacientes receberam indução com timoglobulina no momento do transplante. Três eram receptores de transplante de doador vivo, desenvolveram a doença no primeiro ano após o transplante. Os receptores de doador falecido desenvolveram a doença após um ano do transplante. No momento do diagnóstico, todos estavam em uso de prednisona e inibidor de calcineurina, associado a azatioprina (quatro casos) e everolimus (um caso). Os principais sintomas foram febre (n=6), hematúria macroscópica (n=5) e disúria (n=5). A duração dos sintomas foi de 13 dias (7-18), a febre foi o último sintoma a desaparecer. O tempo médio para viremia negativar desde o início dos sintomas foi de 21 dias. A perda de função do aloenxerto foi de 9 ml/min/1,73 m² (8-32 ml/min/1,73 m²). A coinfeção com CMV ocorreu em um caso. O tempo médio de internação foi de 26 dias (nove a 55). O tratamento da infecção incluiu diminuição nas doses dos imunossupressores em todos os casos, em dois deles foi feita a suspensão da azatioprina. Dois pacientes receberam imunoglobulina intravenosa como parte do tratamento. Todos os pacientes sobreviveram à infecção e um deles desenvolveu recorrência da infecção posteriormente.

Discussão/conclusão: A infecção por adenovírus em pacientes transplantados renais deve ser considerada em pacientes com hematúria macroscópica. A infecção causa prejuízo na função do enxerto e por isso seu diagnóstico deve ser precoce e o manejo da imunossupressão é recomendado nessas ocasiões.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.117>

EP-056

A ADESÃO AO PACOTE DE 3 HORAS DO TRATAMENTO DA SEPSE EM PACIENTES COM DOENÇA ONCO-HEMATOLÓGICA TEM RELAÇÃO COM A LETALIDADE?



Luciane Luz e Silva, Diogo Boldim Ferreira, Janaina Mídori Goto, Deyvid Fernando M. da Silva, Otavio Monteiro Becker Jr, Paula Tuma, Eduardo Servolo Medeiros

Hospital de Transplantes Euryclides de Jesus Zerbini, São Paulo, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 3 - Horário: 13:37-13:42 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: Diversos estudos têm discutido a aplicação dos itens do pacote de medidas do protocolo de seps e